Vem aí uma mulher

PILAR DEL RIO

A coisa aconteceu no Rio de Janeiro, ali pelo ano de 1985. José Saramago viajou para o Brasil para apresentar o seu romance *A Jangada de Pedra*, história muito cervantina em que cinco pessoas percorrem a Península Ibérica à procura da utopia enquanto a própria península se procura a si mesma navegando em direção ao sul do continente americano. Pois bem, num dos atos de apresentação do livro, talvez numa universidade, José Saramago percebeu uma presença que o alegrou. Lembro-me das suas palavras: "Vem aí uma mulher que respeito". Disse-o exatamente com estas palavras, não disse vem aí uma professora ou uma senhora, o criador de Imunda sabia usar as palavras e os conceitos. Foi assim que, antes de haver um contacto pessoal, soube quem era Cleonice Berardinelli. Depois conheci os seus livros, os seus ensaios, a forma de iluminar a literatura que Cleonice usa e nos oferece, mas naquele dia primeiro assisti a um acontecimento de admiração mútua e presenciei o rio de inteligência com que um presenciava o outro.

José Saramago não era uma pessoa de trato difícil, pelo contrário, era capaz de querer a muita gente e, além disso, professava o dom da admiração. Detestava o papel de ogre permanentemente enfadado ou incomodado com as circunstâncias da vida que alguns escritores adotam, preferia a harmonia na comunicação com as outras pessoas, das que se sentia um a mais, quando não um aprendiz. Era assim, como um discípulo atento, que se aproximava de Cleonice Berardinelli, a quem queria, respeitava e admirava. O perfeito círculo do trato

José Saramago e Cleonice Berardinelli

humano mais exigente encerrava-se naquela relação.

A professora dava-lhe tanta segurança que José Saramago, com ela, era capaz até de fazer confidências pessoais, como ficou registado na correspondência entre os dois que foi publicada. É possível que não se vissem ou se falassem com a frequência desejada, porque a realidade literária da viagem da Península Ibérica até perto do Brasil não se deu na lógica geológica, mas viver em continentes distintos não significava distância, basta dizer que nessa relação nunca coube nenhuma dúvida, nem intelectual, nem humana. Mantinha uma relação pausada e distendida, na qual o esforço não era necessário, bastava uma palavra, a citação oportuna de um texto, às vezes um olhar cúmplice para que todo o mecanismo do conhecimento fosse colocado em marcha entre eles, rodeando também as testemunhas do momento. Que poderíamos ser diversos, porque os sábios, e esta é uma característica definitiva, nunca reserva direito de admissão à sua intimidade. Por isso são universais.

Querida professora Berardinelli, querida Cleonice, às vezes o mundo, com tantos desajustes e inconvenientes, parece obscurecer-se como se fosse raptado por uma noite sem alma. São momentos terríveis, as razões confundem ou são engolidas pelo pânico de que os esforços pessoais não sirvam diante do caos, ou que definitivamente a beleza tenha sido derrotada diante de um estado de mesquinhez que asfixia. Então é preciso lançar mão de momentos certos nos quais predomina o respeito, a sensatividade e a admiração, e é quando aparece Cleonice Berardinelli, caminhando por um corredor, aparentemente franzina, sorriso largo, olhos radiantes, disponível. "Vem aí uma mulher que respeito", disse José Saramago dizendo tudo. Continua a ser assim. Cleonice, o seu trabalho, a sua vida, dedicação, a força do estudo e a generosidade da partilha, a sensibilidade poética e a maestria ensaística são baluartes que nos dão ânimo para continuar. E o seu carinho, aí, o carinho que essa envolvente mestra nos dispensa a cada dia, estimula-nos e só faz crescer o respeito que sentimos. Por Cleonice, pelos professores e por nós mesmos. JL

Mestra da vida e da língua

NÉLIDA PIÑON

Cleonice é mestra da vida e da língua lusa. Ao longo de sua trajetória acadêmica repartiu saberes entre a cátedra e os percucientes ensaios que primaram por se adentrar pela arte poética provinda dos grandes criadores portugueses.

Seu encendrado amor pelos mistérios poéticos da língua levou-a a dominar os meandros do verbo, a linguagem transfigurada, a perfeita afinação com a gênese do labor poético. Tal labuta ensejou-a a apropriar-se das normas e dos afazeres secretos do coração linguístico.

De posse, pois, dos enigmas inerentes à construção poética, ela tornou-se íntima de Camões e Fernando Pessoa, para citar nomes fundacionais da língua. Por meio de seu trabalho crítico, enriqueceu o repertório da poesia portuguesa, sem se descuidar do conjunto de intérpretes que espelhavam a grandeza do panorama da pátria lusa. Poetas que, ao transportar ela para o outro lado do Atlântico, convencida como estava de fazerem falta à sensibilidade linguística brasileira, ampliaram certamente os recursos da criação poética entre nossos criadores. Ajudaram a sermos como somos.

Ao longo de sua bendita existência Cleonice Berardinelli dividiu entre discípulos e leitores o amor à língua e à poesia que, vinda das margens do Tejo, ancorou no Brasil para melhor expressar o engenho humano. Igualmente ofertou aos brasileiros o exemplo de uma existência plena de sabedoria, gentileza, de uma beleza que extrapolava a alma. Uma luminosa vida que nos ensinou a amá-la, a aprimorar nossa visão estética, a aderir à magnitude de um espírito universal como o seu.

Esta elegante senhora, que teve sempre o Brasil e Portugal como sua manjedoura sentimental, incutiu-nos a certeza de sermos herdeiros de seu precioso legado. O que nos leva a agradecer à querida Cleo os seus augustos e notáveis cem anos de existência que tanto engrandeceram o Brasil. JL

Romance de dona Cleonice Berardinelli

LUIS FILIPE CASTRO MENDES

De Cleonice, senhora
em seu saber assentada,
venho dizer sem demora
seu louvor: seja louvada
por quanto de si nos deu,
com o tranquilo fulgor
de tudo o que mereceu.
Esta só prova de amor
à língua e às suas artes
deu-nos a todos a flor
portuguesa em todas partes:
dos sertões e das veredas,
do verso mais fingidor,
de Camões até às sedas
da Índia e mais em redor;
do caminho e mais da pedra,
da faca gume sem dor,
da concha donde não medra
Vênus, mas seu esplendor.
E são alusões marinhas
e são caminhos imensos,
língua tua quando minha
nos percursos mais intensos:
o que se diz literatura,
o que poesia se chama
em tão profunda cultura
teu viver luz e proclama.
Nós passeámos por Praga,
por seus becos e travessas,
numa insaciável saga
de viagens e conversas,
que prolongavam a magia
fascinação com diversas
leituras e descobertas
de uma vida que no Rio
tinha as janelas abertas
para o mundo e pra seu fio
de linhas longas e certas
em que a língua se redoura,
com orgulho em sua oferta.
Pois Cleonice, senhora,
do saber sempre vivido
numa língua que aflora
em povos, versos, sentidos
viveres que aqui se misturam
no riso sempre entendido,
aqui deixo a homenagem
do amigo comedido,
que sem fazer a viagem
deixa o seu preito sentido.

ARQUIPÉLAGO
Já nas livrarias
Entre a África da violência, sexo, paixão e chantagem e a Europa das universidades, vida intelectual e do Ritz de Paris; entre o «fulgor» e o «como que aburguesamento» [Manuel Alegre], Rui de Azevedo Teixeira, «implacável», ergue «um romance empolgante» [Eugénio Lisboa]

Rui de Azevedo Teixeira
«Este é um livro redentor. Um grande livro de um grande escritor.»
António-Pedro Vasconcelos
«Uma voz desnuda, terrível, espléndida e sensível. Um relato soberbo.»
Carlos Sousa de Almeida
«Pode ser "enfileirado" nos clássicos *Viagem ao Fim da Noite*, de Céline, ou *No Coração das Trevas*, de Joseph Conrad.»
Carlos Matos Gomes
«Uma selvagem independência de espírito. É um deleite.»
Ernesto Rodrigues
GUERRA & PAZ
www.ruideazevedoteixeira.com